

Entrevista realizada com a Hélio Silman da Cunha do Mercado de Madureira

Siglas:

E – Entrevistador

H – Hélio

H - Meu nome é Hélio Silman trabalho aqui no Mercado há 25 anos, é.... *[sic]*. Sou sócio proprietário daqui da loja, uma loja de família e que a gente vem, já há algum tempo, aumentando a loja e a gente vem trabalhando pra *[sic]* desenvolver um trabalho de divulgação da religiosidade e tudo.

Faço um trabalho aqui no Mercado de divulgar, de TV, de administras, eu faço tudo aqui.

E - Então Hélio, você sabe que nosso trabalho é de inventário, de inventário das casas de candomblé tradicionais/de terreiros de candomblé e umbanda, e agente sabe que o Mercado nesse caso é o principal centro mantenedor dos produtos e de artigos religiosos para as comunidades de santo. Como começa essa relação entre as comunidades de santo e o Mercado?

H - Essa relação é bem antiga, isso já vem, vamos dizer, há um bom tempo o Mercado é dado como ponto, né *[sic]* de artigos religiosos. Mas, há um tempo atrás as pessoas que vinhas nas casas de artigos religiosos elas tentavam se esconder, não gostavam de aparecer... Graças a Deus este tempo foi passando e hoje as lojas de artigos religiosos são bem modernas, bem iluminadas, não é uma caverna, né *[sic]*. As pessoas entram à vontade, compram à vontade, não tem mais aquela expressão de estar se escondendo, né *[sic]*. Então eles entram aqui bem e ficam à vontade. Hoje são casas bem bonitas que vende artigos até para todo tipo de religião. Mas ficou o foco no Mercado de Madureira [como] sendo... é *[sic]* de artigos religiosos, e há muito tempo... [Hoje] Tem mais de 30 lojas aqui dentro e o tempo foi... é *[sic]* mostrando isso, e as pessoas depois que começaram a perceber que as lojas de artigos religiosos não é *[sic]* uma caverna, elas entram, falam, comentam...e aí foi aparecendo mais né *[sic]*. Mas sempre existiu, [mas] hoje em dia a coisa está mais divulgada, antigamente não.

E- E a gente sabe que o Mercado, justamente por ser o principal centro distribuidor de artigos religiosos afro-brasileiros, a gente sabe que o próprio

espaço do Mercado é um espaço de encontro entre a diversidade de adeptos destas religiões afro-brasileiras. Em relação às festas, a gente sabe que o Mercado tem acompanhado algumas festas...

H - Isso... O Mercado apoia vários eventos que nós aqui, dos artigos religiosos, começamos a tomar a iniciativa... Era exatamente porque, porque a gente acabou perdendo uma fatia do bolo, nós perdemos uma fatia do bolo, perdemos para evangélicos, perdemos para católicos... perdemos. Na realidade, nós perdemos. e para brigar, para chegar junto [e] pra [sic] mostrar o nosso lado, começamos a apoiar a cultura de todos os aspectos, seja ela é... [sic]. A gente faz a Festa de Iemanjá, mas a gente já apoiou a Festa de Preto Velho, temos um projeto para a Festa de Ogum... [a] alvorada aqui no Mercado. E o Mercado, quando eu falo em Mercado, são os artigos religiosos, os lojistas. E quando a gente fala vamos a tal festa, o pessoal vem, apoia, ajuda, manda algum tipo de brinde, e isso foi crescendo. Então, o Mercado de Madureira, o maior apoio que ele faz, que eles fazem na festa, é o de Iemanjá [que] nós criamos pra [sic] agradecer, na verdade, [pela recuperação do local] [d]o incêndio que destruiu todo o Mercado... a imprensa toda teve aqui dentro pra [sic] mostrar que o Mercado acabou. Mas na hora... 2001, outubro de 2001, que nós abrimos para o público, isso aqui ficou vazio, porque ninguém sabia que tinha voltado.

Então era uma maneira da gente agradecer o nosso retorno ao trabalho, mas também divulgar que o Mercado estava, de novo, atendendo a população. Então nós fizemos isso, mexemos bem com a sociedade carioca, com os cariocas, nós fizemos uma movimentação... é... [sic] muito grande de atingir um número, não sei, é infinito... De dizer hoje onde nós alcançamos com essa festa. eu sei que a festa vai para o Brasil todo [e] pro [sic] mundo todo... Existe hoje três rádios na internet, que trabalham com internet, e que divulgam a festa ao vivo pra [sic] o mundo todo. Então, as vezes, as pessoas lá da Europa tão [sic] assistindo.. e tem pessoas... e elas ligam, né [sic] pra rádio que tá [sic] ao vivo, mandam e-mail. É uma coisa... a gente não tem a noção da amplitude do negócio. Mas a festa [e] o apoio do Mercado vem dando [aos] movimentos de artigos religiosos...de... de... é difícil, mas a gente apoia todos os eventos.

E- Mas, é uma iniciativa... A Festa de Iemanjá, que é a principal, ela é uma iniciativa do Mercado ou tem alguma parceria com...

H - Não, a iniciativa foi dos lojistas, [das] 30 lojas, mas claro, tem o apoio. Aí, nos fazemos reuniões e nessas reuniões a gente convida outras pessoas para virem... "olha vai acontecer isso, isso e isso". Então, a pessoa vai apoiar. Por que? [Porque] é uma forma de festa, de festa religiosa que... [é] cultural [e] que todo mundo gostas... Os lojistas [gostam].

E- Quantas pessoas, mais ou menos, participam dessas festas?

H - Olha, em números, vou dizer mais ou menos... A primeira festa começou com mais ou menos 600 pessoas, na praia, eu acho que levamos 600 pessoas. E só foram as pessoas, 600 mais ou menos. Hoje, [em] dez anos, vamos para a décima festa, a gente coloca mais de 10 mil pessoas na praia. Ela é divulgada no Rio de Janeiro todo [e] muitas pessoas.. é... acompanha [sic] a festa ao vivo pela internet e o mundo todo tá [sic] vendo... é devido a internet. então, a divulgação foi maior do que a gente imagina e, as vezes, vem notícia do mundo afora e a gente: "nossa eu tava ligada lá vendo a divulgação da religião". É da religião, mas tem muito forte o lado comercial, e também o cultural. O prefeito decretou, inclusive, a festa como patrimônio cultural, porque ela é cultural.

Nós resgatamos uma cultura que vem de muito tempo nas praias. Eu era garoto e via as pessoas na praia dedicando as oferendas e rezando [e] pedindo paz. Nós trazemos isso de volta, nós resgatamos isso que tava [sic] perdendo [e] nós resgatamos.

E eu já fiz um outro projeto que a gente vai resgatar outras culturas que, as vezes com o tempo, vai se perdendo, vai se esquecendo e a gente tem outros projeto que a gente vai ver também essa alvorada... O Mercadão vai apoiar também... a gente faz tudo aqui na frente.... Os síndicos, os lojistas, todo mundo apoia. Então, por isso que virou uma coisa bacana, porque não é só os lojista [sic], mas é todo mundo: lojista, síndico, os outros lojistas... tem uma loja aqui do lado que o dono é evangélico, mas ele acha muito bacana a organização da festa, e ele é evangélico, mas ele apoiam, porque nós estamos resgatando o que é do povo carioca e divulgando o Mercadão. E isso é muito importante para todo mundo.

E a gente só tá [sic] trabalhando um pouco o lado social da festa, porque antes a gente pegava as camisas e trocava por alimento e distribuimos para as comunidades mais pobres. Ao longo do tempo a gente foi perdendo a verba e a gente não conseguiu mais trazer o alimento pra gente trocar as camisas por alimento. Aí a gente vende as camisas para fechar o orçamento [da festa]. e de um tempo pra cá [sic] nosso orçamento foi

aumentando e a gente não tem como, a não ser vender as camisas. Ai eu não quero vender as camisas para comprar alimentos... eu preciso fechar o orçamento direitinho aí... patrocínio, pessoas que apoiam [e] então fazer uma coisa mais bonita pelo lado social. Fica comercial, religioso e social [e] fecha tudo né? *[sic]*. Aí fica melhor.

E- E, além da Festa de Iemanjá, são quantas festas?

H - Ò... *[sic]*, nós, temos.... eu faço...Quando eu falo eu faço, é porque eu estou em todas as festas... é atabaque... sempre quando tem Atabaque de Ouro que é um evento que se faz de criar músicas de umbanda, festival de música...eu apoio...

E- E quando acontece?

Em julho... julho agora dia 22 eu vou estar lá.. é... porque eu apoio a festa, eu mando...

E - E a festa acontece aonde?

H - eu acho que é no... ali na Dutra, naquele negócio de samba. Como é que é? É ali na Dutra *[incompreensível]*. Ali no negócio de samba, me esqueci o nome. Mas é ali na Dutra. Vai ser lá esse ano, vai ser num domingo, dia 22. E eu apoio, todo mundo apoia e eu vou.

Tem outros eventos também, a Festa da Oxum, em dezembro, início de dezembro... nas águas dos rios, eu vou lá apoio, mando brindes, eu mando coisas para serem sorteada, entendeu? Sempre quando tem festival de música, quando tem de umbanda e candomblé, eu tô *[sic]* junto, eu levo algumas coisas para serem... ou fazerem sorteios ou para fazerem bingo *[sic]*, entendeu?

Então quando tem uma coisa beneficente para ajudar um centro *[de umbanda ou candomblé]* a gente ajuda, entendeu... Então, é sempre assim, eles estão vindo aqui e: "Hélio, tem um evento assim do dia das crianças". eu compro um monte de coisa aí, junto com os lojistas *[e]* a gente manda brinquedos e etc...

E - Mas tem alguém em específico deles que procuram vocês?

H - Não, não... são os lojistas e a comunidade... *[somos]*Eu, o Guaracy, que a gente trabalha mais.... *[e]* fica assim: "vamos convidar fulano de tal". Aí a gente vai lá e "Ó, vai te rum evento tal, tal dia, eu preciso disso, pode colaborar?", "Passa lá, eu te dou isso, isso e isso". Então, é sempre de boca, né *[sic]*, não existe um comissão pra julgar

qual a festa é melhor, qual não é, qual é do nosso interesse. Sei que o pessoal vem aqui: "Olha quero um apoio teu", "o que que [sic]/você quer?", "eu preciso de vela".

Teve um evento de Preto Velho, então teve um evento de Preto Velho e eu mandei um monte de vela [sic], porque eu pedi ao fabricante, o fabricante vai e me manda e eu mando para a festa. Então, é sempre assim, um ajudando o outro e puxando pra lá e pra cá [sic] e tentando ajudar aquele evento da melhor maneira possível. E o Mercadão tá [sic] sempre me ajudando, porque eu peço a ele pra [sic] me ajudar...

Por exemplo, olha só [sic], vai ter um, um... pediram um auditório aí síndico pra fazer, é... praquele [sic] Rio +20, aí nós liberamos um auditório prum [sic] grupo de pessoas da religiosidade, pra [sic] fazer debates e pra [sic] levar pro Rio +20. Sempre tem é... essas iniciativas [e] é importante porque o grupo fecha [e] todo mundo sabe que o Mercadão tá [sic] sempre voltado pra [sic] ajudar, não só a religiosidade, umbanda e candomblé, mas tudo... Toda a comunidade aqui perto, tudo isso faz parte da gente e que a gente apoia, ajuda. Claro, a gente avalia sempre, [as vezes] eles trazem vários ofícios de ajuda, uns a gente direciona e outros a gente não pode [ajudar, pois] não faz sentido. Mas, na maioria das vezes, a gente ajuda, apoia, vamos avaliar.

E - Você falou que são 30 casas [aqui no Mercadão]...

H - São trinta casas/lojas de umbanda e candomblé

E - E como funciona a questão dos artigos, eles são comprados, distribuídos, como funciona?

H - Isso aqui funciona... isso aqui [tem coisas] que vem até da África, de todos os cantos. Isso aqui tem coisas que vem de artesões que fazem isso aqui.

E - Você pode falar alguns artigos que vem de fora?

H - É... tem gente que vem de fora pra... traz esses artigos aí. Tem coisas que são artesãos mesmo, que trabalham em fundo de quintal. Trinta por cento aqui deve ser isso, de... artigos de... [artesãos]. Tudo manual, tudo artesanal... e é importante que a gente [valorize].

As vezes, essas pessoas não tem um trabalho e eles fazem as coisinhas e agente compra aqui e revende. então quer dizer, existe uma comunidade trabalhando para ajudar as comunidades religiosas, que não tem carteira assinada, não tem nada reconhecido. Mas, a gente faz uma, por exemplo... uma... um afoxé que é feito na cabaça, ele faz lá no

fundo do quintal e traz aqui o negocinho *[sic]*, "então deixa aí que eu vou vender pra *[sic]* você. Então, 30% deste material são de coisas industrializadas: as louças. e nos temos aqui mais de 5.000 [tipos] de artigos religiosos, [é] muito. É uma variedade incrível. Mas muita gente compra aqui: católico, protestantes... é..compra tudo aí... evangélicos. Por que? são velas, são coisas, as vezes, que nem são da religião, mas tem aqui.

H - Olha, comparar o Mercadão de Madureira antes do incêndio e depois do incêndios, é quase que... não dá pra *[sic]* comprar. Antes do incêndio era um...vamos dizer assim, [como] eu falei há pouco tempo em caverna, uma coisa arcaica, era uma coisa, a inauguração foi de mil, 1500 *[sic]*... A inauguração foi em 1950.. Juscelino Kubitschek, foi década de 50... Isso aqui era muito velho, tudo coisa velha, mas era aqui que [vendíamos nossos produtos e que] cuidava disso aqui... é...

Isso aqui foi projetado para ser [um local de] venda de artigos de feira, de verduras, de legumes, [mas] a coisa foi mudando, tomando outro rumo totalmente diferente, e aí a estrutura ficou muito velha e tudo aquilo não foi preparado para nada disso que nós vendemos aqui.

Aí veio o incêndio e hoje a estrutura é outra, é tudo diferente. Ele [o Mercadão] foi projetado para este tipo de mercadoria, pra *[sic]* esse tipo de venda, de lojista né... *[sic]* Hoje é tudo diferente, não é um shopping como vocês estão acostumados a ver, mas isso aqui é atípico, é totalmente diferente dum *[sic]* shopping. Se você pensar em termo de shopping, não é shopping. Isso aqui é um condomínio [em] que todos os lojistas são seus proprietários, seus donos de suas lojas, diferente de um condomínio, um condomínio é um, um *[sic]* grupo de empresários que tem tudo aquilo, e aqui não, são [os] lojistas que são donos de suas próprias lojas, dono do seu próprio nariz.

Então... é *[sic]*, as atitudes e tudo que se toma as decisões é feito em cima de, do condomínio: assembleia normal, mas todos eles são proprietários. Hoje o Mercadão é mais moderno, tem instalações melhores, tem câmeras, circuito de TV, tem tudo que é preparado para um shopping, mas não é um shopping. Agora, tem aquele momento feira livre, né.. *[sic]* Feira livre [porque] as lojas e você passeando aqui fica bem a vontade, pode pegar as mercadorias, as mercadorias estão distribuídas no chão. então fica uma feira livre organizada né.. *[sic]*, uma coisa bem organizada... A pessoa entra aqui [e] fica bem a vontade, por isso [que] aqui movimenta muita gente de tudo quanto é lugar e as pessoas ficam felizes de vir aqui e ficam bem a vontade de sair comprando, preço

barato, super barato, que a competição é grande entre os lojitas, e por isso onde há competição o preço cai. Então por isso [que] as pessoas vem pro [sic] Mercadão, assim, sabe que vai ter vantagem em vir aqui, vai comprar no shopping que é mais caro [pra que]? Aqui não tem isso, aqui é cada um faz a sua hora ali no momento e tem que matar um leão todo o dia. Mas hoje o Mercadão é totalmente diferente do que era há 10, 12 anos atrás antes do incêndio, mais moderno, mais sofisticado, mais melhor [sic].

E - Você costuma reparar na relação dos adeptos religiosos com os produtos, com as imagens? Existe essa relação?

H - Existe uma coisa aqui que é bem... Quando eu boto [sic] uma imagem ali. É uma imagem, ela não tá [sic] nem trabalhada, vamos dizer assim, energizada. Mas tem gente que entra ali é fala que é imagem.... eu preciso disso, disso e disso, tem uma relação forte com a imagem que tá [sic] ali, não é só aquela que tá [sic] ali não, tem um monte. As vezes a pessoa olha pra imagem, eu quero comprar a imagem e quando bota a imagem na frente da pessoa, a pessoa se arrepia, a pessoa fala com a imagem "você vai me ajudar".

Eu já tive casa da pessoa chegar com uma imagem toda quebrada, eu recuperei [e] botei na frente dela [e] a pessoa quando vê chega chorar de emoção, porque não perdeu aquilo que ele tinha há muitos anos, tava estragando. Então há... existe essa relação [de] amor com a imagem, com o orixá, com o santo que se é devoto que tá [sic] ali. Essa é uma coisa da pessoa, a pessoa chega ali e vai falando com aquela imagem e fala sem problemas, vai pedir, vai falar, vai orar, ali na frente, no momento... E ali, ali acontece muito [pois] tem uma imagem grande, de um metro, um metro e meio [e] que a pessoa para ali e vai falar com a imagem. Isso é uma relação entre o... a imagem, o santo e o devoto... que ele crê muito [sic] e a fé é realmente isso, não importa se ela está energizada ou não, o importante é a fé do cara, é... Olhar para a imagem e se identificar e falar e as orações e dali sai o pedido e dali acontece. Existe ali uma troca de energia, o que é importante né [sic], entre a pessoa e o santo. E aqui [isso] acontece o tempo todo.

H - Bem, eu queria dar uma relação muito importante que o Mercadão de Madureira tem: é uma relação entre brasileiros e africanos, a cultura que nós temos [é] totalmente trago [sic]...trazida da África. [N]o Mercadão de Madureira você consegue ver isso à flor da pele, você consegue ver isso no carnaval, você vê isso nas escolas [de samba], você vê isso nas ruas... a quantidade de negro que tem [sic]. Metade da população

brasileira é negro *[sic]* descendente ou afrodescendente. E, o que acontece devido à cultura europeia ter sido introduzida muito forte, muito mais que os afrodescendentes, a cultura africana ficou um pouco esquecida. E eu e um colega aqui do Mercado tivemos a ideia de, trabalhando, a gente consegue introduzir a cultura africana, afrodescendente aqui no Brasil mais clara, que seja mais conhecida. Porque pra mim *[sic]* quando eu conheci o afro, a África, pra mim era só bicho, girafa, elefante e tinha os escravos. Agora o europeu, os Estados Unidos [da América], tudo da Europa, a gente tinha que estudar tudo. Agora da África se estudava pouco, mas você pode ter certeza que 90% da cultura brasileira é derivada da... dos africanos. A gente passa a maior parte do tempo falando de cultura africana e ninguém percebe.

A cultura africana é muito colorida, muito cheia de vida e de cor, os africanos são assim. todas as cores que nós temos aqui dos orixás, isso vem da cultura africana. Toda essa cultura, a gente tem muito ainda a mostrar, só que esqueceram um pouquinho. E agente vem trabalhando pra *[sic]* desenvolver esse lado da cultura, introduzir a cultura afrodescendente nas escolas, de uma maneira mais *light* e tal, eu vou começar a trabalhar em cima disso. Junto com o pessoal do Mercado, que a gente tem um grupo que a gente fala, debate, fala essas coisas... Então, o Mercado de Madureira também é uma parte cultural devido a grande quantidade de afrodescendentes que tem aqui dentro. Os negros vem aqui, todo mundo vem aqui, todas as raças vem aqui. E eles vem aqui justamente por isso, pra *[sic]* conhecer um pouco dessa diversidade, dessa coisa de a *[sic]* cultura que acontece aqui o tempo todo. É o dia a dia que acontece aqui, coisas que acontecem lá fora e acontecem aqui dentro. E você pode ver isso só caminhando aí, você vai ver isso caminhando aí, pessoas africanas, europeus... de tudo tem aqui dentro: argentinos, nordestinos, tem paulista, tem tudo aqui dentro. Ao mesmo tempo um fala com o outro, se esbarra e aqui passa a ser um ponto de encontro, tanto que tem um projeto aqui que quer fazer ponto cultural, [o] Mercado de Madureira ser um ponto cultural. Ponto cultural porque as pessoas vem aqui para se encontrar. As vezes não compra, mas vem aqui pra *[sic]* [se encontrar]. No Fórum [Rio + 20] a gente liberou o auditório para que todo fizessem um encontro aqui e daí tomassem algumas atitudes para o.. para a Rio + 20. Então, tudo isso acontece ao mesmo tempo de uma maneira sem perceber, mas acontece dentro do Mercado... Muita cultura, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo aqui dentro. E por isso que o Mercado começou a ser cogitado pra *[sic]*, pra aquilo *[sic]*... É importante que não se apague, não se deixe perder, já que hoje na mídia sabendo que o Mercado de Madureira conseguiu atingir o

objetivo que é trazer a cultura, seja ela qual for... é... derivada da África, seja ela até mesmo a que acontece aqui no Brasil. Tudo aqui é cultura [e] acontece sempre e ao mesmo tempo, então a gente tem ficar bem atento para que a gente possa divulgar tudo que o carioca, que o brasileiro pensa e desenvolver esse lado pra [sic] demonstrar que o povo carioca, o povo brasileiro, que aparece em todas as mídias aí, é muito importante e a gente tem que dar valor a isso: nós somos brasileiros, temos que dar valor a nossa cultura e perceber que aquela que foi introduzida no Brasil o brasileiro deu uma mexida e faz do jeito que ele quer. Então, nós vamos mostrando isso ao longo do tempo que o brasileiro cria, mesmo vindo de outro de fora, ele cria, dá jeito, modifica, mas a essência permanece. Mas ele consegue misturar, fazer uma misturada, e o povo brasileiro é isso: é uma misturada toda e deu tudo certo, deu essa alegria, deu essa vontade que o povo tem de viver, de ser alegre. [É] um povo alegre, brincalhão, otimista, religioso... e o povo brasileiro é tudo isso e conhecido no mundo todo por isso, por essa diversidade, por esse povo, o povo brasileiro [que] todo mundo gosta. Povo mata todo mundo aí fora, mas povo brasileiro ninguém mata. Nego explode aí, mas é povo brasileiro, explode não que é brasileiro... que o povo brasileiro é muito bacana, é muito legal. E é isso aí, valeu? faz parte.